Globethics Repository

Globethics

A dimensão escatológica no pentecostalismo clássico brasileiro [The eschatological dimension in Brazilian classical Pentecostalism]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Martins, Marcos José
Publisher	Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales-RELEP
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-10 10:47:29
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/152442

13

A dimensão escatológica no pentecostalismo clássico brasileiro*

Marcos José Martins

RESUMO

A pesquisa procurou discutir a dimensão escatológica na hinologia clássica pentecostal. Foram selecionados hinos que remontassem o universo teológico e escatológico do pentecostalismo brasileiro dos pioneiros e sua influencia permanente nas comunidades pentecostais até hoje. A escolha dos hinos clássicos pentecostais se deu porque o Pentecostalismo pioneiro não escreveu uma teologia oficial do movimento, mas, consciente ou inconscientemente, a hinologia composta no Pentecostalismo Clássico brasileiro contém todas as suas práticas doutrinárias e regras de fé, tornando assim, o ponto referencial desta pesquisa sobre Teologia Narrativa.

Palavras-chave: Pentecostalismo – Teologia Narrativa – Escatologia

* Este trabalho faz parte da sintese do Projeto de Pesquisa realizado em forma de TCC apresentado à Faculdade de Teologia da Igreja Metodista para a obtenção de grau em bacharel em Teologia.

Introdução

A música tem o poder de materializar sentimentos, emoções e pensamentos e ao mesmo tempo espiritualizar a forma físico-material de como vemos e vivemos o/ no mundo. A música tem forte influência na vida ritual de cada povo ou grupo social. Magali Cunha afirma que

> .... estudos no campo da sociologia e da psicologia... indicam que a música tem influência sobre indivíduos e seus corpos, no plano físico e das emoções, e no grupo social... as pessoas se interessam em ouvir músicas... porque ela [a música] as faz sentir alguma coisa.[1]

A partir dessa construção polissêmica e multicênica a música tem o poder universalizante de construir, manter e transcender realidades sociais. Assim podemos considerar "que a música é um fenômeno de natureza social"[2]. Contudo, "a música dá sentido a esse modo de vida religioso não como simples expressão litúrgica [que por si só já é um instrumento de louvor a Deus], mas como mediação do sagrado"[3]. Por isso, os hinários ajudam a construir uma liturgia que fortaleça a fé da comunidade através da música e do louvor. Entre os pentecostais das *Assembléias de Deus* o hinário mais utilizado é a *Harpa Cristã* [4]. A Harpa Cristã é, para esta pesquisa, a fonte de busca da teologia narrativa que marca o principio identitário pentecostal.

1. O universo teológico dos pioneiros do pentecostalismo brasileiro

Para compreendermos esse universo teológico, selecionamos na obra biográfica de Ivar Vingren[5] as concepções teológicas de Gunnar e Frida Vingren. Os Vingren criam na Dispensação da Graça[6]. Nessa concepção teológica os pentecostais tradicionais se apóiam numa leitura da história humana a partir da Bíblia. Afirma-se que o Povo de Deus (reconhecida como a Igreja) está vivendo a Sexta Dispensação da História da humanidade[7], cujo Deus está no controle pela sua Absoluta Soberania através de um Plano de Salvação por Ele mesmo formulado. Toda a crença pentecostal está estruturada a partir de uma escatologia dispensacionalista e apocalíptica[8]. Os pentecostais denominam este fato como *escathon* histórico, i.e., a partir de uma leitura hermenêutica dos pioneiros. É também

notório compreender que nessa mesma leitura hermenêutica, os pioneiros compreendiam que a história estava experimentando o *escathon* profético – que nada mais é – a manifestação do Espírito Santo, derramado sobre toda a carne, antes de iniciar o *Dia* do iminente fim.

Em contínuo, encontramos nessa mesma obra, a crença na Vinda Iminente de Cristo[9]. Seguindo uma proposta milenarista da Escatologia, os pentecostais crêem na 2ª. Vinda de Cristo, partilhando dessa mesma fé contida na cristandade em geral. Na leitura pentecostal, a 2ª. Vinda de Cristo começa com o Arrebatamento da Igreja[10] que será arrebatada antes da Grande Tribulação (pré-tribulacionista e pré-milenista – *cf.* Ap 3:10) e ceiará com o Noivo (Cristo) nas Bodas. A Ceia (Bodas do Cordeiro) na casa do Pai se dará em seguida à manhã da ressurreição (ressurreição dos mortos justos e salvos) e se localizará no paraíso (no "Céu"), na sala nupcial (cit. Ap 14:13)[11].

Mas o que é a Grande Tribulação*? Para os pioneiros, os Últimos Dias – o Tempo da Colheita para o Reino de Deus*[12], i.e., os acontecimentos narrados nos capítulos 4 – 19 de Apocalipse com conexões com outros textos apocalípticos da Bíblia (ex. Dn 7 – 12; Is 24 – 27; Ez 36 – 48 etc.) – é a Grande Tribulação na perspectiva pentecostal. Serão 7 (sete) anos de Grande Tormento sobre os moradores da Terra enquanto que, os salvos desfrutam a paz sete anos respectivos no Reino dos Céus. Esse é o '*galardão*' gratuitamente dado aos peregrinos "nesta" Terra/ mundo que não são "desta" Terra/ mundo[13].

O "galardão", segundo a ótica pentecostal clássica, inicia-se no Arrebatamento, pela ressurreição do corpo dos justos e transformação dos corpos dos vivos – incorruptibilidade da matéria orgânica – que "num piscar de olhos serão raptados/ arrebatados" por Cristo nas nuvens (*cf.* 1 Co 15; 2 Ts 4:13-17; 5:23).

Antes de entrar "no descanso de seu Senhor" as obras da *Comunidade dos Salvos* passarão pelo Tribunal de Cristo (*cf.* 1 Co 3:10-15; 2 Co 5:10) e, com o "galardão em mãos" a Igreja dos Salvos começará a gozar a vida eterna[14], ou seja, a inauguração da eternidade na perspectiva humana. Mas, vale ressaltar que, no pentecostalismo fundante brasileiro, a perspectiva soteriológica é vista não por eleição e sim com parte da graça universal

oferecida por Deus na pessoa de Cristo e que é aceita pelos salvos pela ação do Espírito Santo. Os ressurretos e os transformados na incorruptibilidade do corpo, na concepção pentecostal, só puderam ser salvos na dimensão etéreo-celestial por causa de sua compreensão do Novo Nascimento.

O Reino Eterno[15] se inicia nas Bodas (no céu), recebe a irrupção do *Cristo-Rei-Messias* (que voltará em glória) no Armagedon – a Guerra no fim da Grande Tribulação promovida contra os eleitos/judeus – que aprisionará Satanás e seus anjos (*cf.* crença nos anjos em Vingren é fortíssima[16]), o Anticristo e o Falso Profeta e governará com seus Santos (Igreja + remanescentes judeus) no *Reino Teocrático de Mil anos literais* na Terra (*cf.* Zc 12-14; Ap 20)[17].

A crença que os Últimos Dias serão antecedidos pela Grande Tribulação também é encontrada na obra autobiográfica de Daniel Berg[18]. O sinal da Efusão do Espírito Santo sobre toda a carne (= batismo com o Espírito Santo – em Vingren p. 71 e 100) para Berg é visto como parte da profecia que proclama o fim (*cf.* Jl. 2.2 ss)[19]. E, se o fim está próximo, a iminência escatológica da 2ª. Vinda de Cristo está mais próximo ainda[20]. A tríade da era apostólica na concepção teológica assembleiana brasileira fundante é resumida em "Jesus *Salva*, *Cura* e *Batiza* com o Espírito Santo"[21], mas é completada pela pregação do Evangelho Pleno da *Volta* de Cristo – *Jesus Voltará*! Berg também compreende a ressurreição dos mortos como parte do processo para a salvação definitiva[22].

Estas são as principais crenças no âmbito da escatologia de Gunnar Vingren, Frida Vingren e Daniel Berg, apesar de Berg se preocupar em relatar a sua epopéia missionária. Nos relatos dos pioneiros, além de um compêndio de escatologia e apocalíptica trazido de outro contexto cultural e social, se observa que os missionários conseguiram introduzir suas doutrinas em solo brasileiro exatamente pelo imaginário messiânico e apocalíptico do povo aqui residente[23].

O protestantismo e o pentecostalismo assimilaram outras formas de religiosidade popular a partir dos messianismos e os apocalipsismos herdados dos movimentos pós-Reforma, o escapismo escatológico fundamentalista pré-milenarista do Século XIX (Darby[24], Moody e Scofield) e o contexto religioso messiânico do catolicismo popular

nordestino. Todos esses movimentos contribuíram para dar novas características a essa hinologia protestante-pentecostal brasileira[25]. Neste contexto messiânico brasileiro encontramos o Sebastianismo (messianismo a portuguesa), a Revolta dos Canudos, os Movimentos de Padre Cícero e de Caldeirão de Santa Cruz.

2. Análise da dimensão escatológica clássica pentecostal

Foram selecionados hinos de Paulo L. Macalão, dos Vingrens e outros que nos ajudaram compreender a construção da espiritualidade e religiosidade dos pioneiros. Os hinos legitimaram suas doutrinas e costumes, apesar de que essas doutrinas e costumes não estarem longe da realidade das demais igrejas protestantes, exceto na forma eqüalizada que os pentecostais dão a pneumatologia e à escatologia.

Os temas mais evocados na escatologia pentecostal clássica são: a) a Vinda de Jesus para arrebatar sua Igreja; b) ressurreição dos mortos; c) o galardão que se obterá no reino celestial; d) o descanso do serviço prestado aqui projetado na Terra Prometida (Sião/ Nova Canaã/ Jerusalém Celestial); e) a iminência do fim dos tempos; e) guerra contra as hostes do mal; f) a saudade da pátria celestial como algo maior que as belezas daqui; g) encontro com os parentes e conhecidos fiéis a Deus; h) vida eterna e condenação eterna; i) o reino milenar e o triunfo do Rei e de seus soldados; j) a transcendência da vida ao passar o Jordão; k) novos céus e nova terra; l) grande tribulação e; m) a mansão celestial.

O principal tema escatológico abordado por Frida Vingren é a Peregrinação do Fiel aqui nesta terra. Esta peregrinação é escatológica visto que compreende a transcendência do ser a partir de uma realidade dada para uma realidade esperada. Percebe-se nos hinos de Frida Vingren, como nos demais compositores da Harpa Cristã (HC), que a peregrinação é gradual e perpassa pelo tempo-espaço como se fosse uma trajetória de um lugar ruim (aqui na terra) no passado para um lugar bom (os reino dos céus) no futuro:

Ó peregrinos, vede o destino.
Entrai na terra de leite e mel.
[Deixai entrar o Espírito - HC 85 § 4º.]

Há um fim glorioso, além do escuro véu.
No fim do espinhoso caminho está o céu.
E quando for tirado o véu da escuridão,
Verei Jesus, então, verei Jesus, então.
[Há um caminho santo - HC 97 § 4º.]

Aqui o escuro véu, para Frida Vingren, é o processo de transcendência. A morte é o último obstáculo e quando este véu for tirado, além dele será contemplado o rosto de Jesus. Há também um protesto sobre *presente* como sendo um "caminho espinhoso". O que estimula a *Caminhada Escatológica* é a salvação pessoal concedida por Cristo [*Salvador*]. A chegada no fim da lida [*Caminhada Escatológica*] reserva a recepção pelo Salvador que concede a *eterna vida* e dá acesso ao "*reino de amor*". A necessidade de chegar ao "fim da lida" é o anseio de todos aqueles que trabalham arduamente e, pode ser uma esperança para obter o descanso merecido.

Vai buscar a Jesus precioso,
Vai depressa, a noite já vem,
E, se perdes o amor glorioso,
Será triste p'ra ti o além;
Esta flor hoje é ofertada
A quem humildemente a buscar;
Será logo da terra tirada,
Para brilhar em outro lugar.
[Flor Gloriosa - HC 196 § 3º.]

A *Caminhada Escatológica* assume a hermenêutica do *Êxodo Escatológico* em busca da terra prometida – a *Canaã*. O *Salvador* guia o fiel com *Sua forte mão* e livra-o da terra da escravidão. É a eterna experiência da *Libertação Escatológica* na caminhada histórica do Deus que liberta com o seu povo que se sente liberto. A Canaã é a Grande Herança, o galardão e a esperança do fiel.

Nesta Canaã serão encontrados elementos agradáveis aos olhos (videira, mel, leite etc) e a constatação que "as lutas desta vida" não serão mais sentidas, pois o término da "marcha para o eterno lar – minha pátria" se dará e o fiel enfim "erguerá sua tenda na terra de Sião". Numa análise

do discurso mais crítica, o Egito é evidentemente tomado como exemplo de um lugar de opressão e dor. Deus sempre está pronto para livrar o seu povo com mão forte do Egito e conduzi-lo a um lugar espaçoso que é Sião ou Hebrom (terra que a Bíblia diz que Abraão residiu). Por isso Deus cobre o seu povo com (a coluna de) fogo e passa com seu povo pelo mar. Possivelmente a necessidade do calor e de companhia de Deus nos momentos difíceis faz o fiel vê na salvação de Deus o único motivo para ele cantar. Cantar faz com que o fiel perceba o que é a escravidão e, como protesto, é necessário tomar uma atitude – *Ergui a tenda* – para assim iniciar o seu Êxodo, a sua Caminhada Escatológica.

É nítido o projeto escatológico vislumbrado pelo fiel pentecostal. A Projeção é o Céu, mas a esperança é aqui, isto é, a confiança está depositada em Jesus, visto que só Ele pode dar esperança. Quando somente Jesus consegue dar esperança é porque o fiel protesta enfaticamente que não tem ou não acha esta esperança no sistema político, econômico e social. Muitos hinos (HC 316) expressam da melhor maneira os anseios esperados pelo peregrino. O peregrino almeja andar por campos, comer uvas e mel, beber vinho e leite. Considerando o contexto de Frida Vingren e da maioria dos fieis pentecostais naquele período, a pergunta que fica no ar é: qual é a classe social que tem acesso a esses tipos de produtos alimentícios? Por que a insistência em desejar comer e beber esse tipo de alimentos só em Hebrom? Será que aqui Frida e, conseqüentemente os fieis pentecostais deste primeiro período, não tinha acesso a essas iguarias dos reis e dos poderosos desta terra que oprime.

As lutas da vida – afirmação de que a vida é uma luta – não serão mais sentidas em Hebrom. A graça, o amor e a paz, antes não vivenciados ou não encontrados no Egito, são almejados pelo peregrino em marcha para uma nova pátria onde ele encontra a paz, o amor e a graça. Nessa pátria – Egito ou Brasil? – não se encontra um estado de dignidade humana. Sião/ Hebrom é o único modelo de pátria que atende plenamente o anseio do peregrino. Lá é o lugar da Libertação. Se aqui o peregrino só tem lutas e não encontra ou não recebe repouso, ele deve então considerar que no céu haverá grande alegria (gozo). Os prêmios que não lhe foram ofertados, no céu "Galardão terás enfim".

A ansiedade em chegar ao céu compensa os entraves vividos aqui. Lá é o lugar do repouso e somado a isso é o lugar de receber o galardão. Gunnar Vingren canta a graça como a única motivação de viver aqui e *anseia uma vida no além – no céu*, como a consumação desta graça concedida.

Outros hinos associam os sofrimentos dos heróis da fé ao mesmo sofrimento experimentado por qualquer pessoa que confia no Senhor – transformado-a em "Heróina" e "Vencedora". Essa Teodicéia do Sofrimento revela uma rica hermenêutica pentecostal. O sofrimento legitima a fé. "A teodicéia do sofrimento transforma o escárnio em privilégio e a marginalização social em participação do sofrimento por amor de Cristo. Isto é uma tremenda reviravolta na lógica do sofrimento"[26]. Parece alienação, mas não é. É um protesto profético de um povo que, ao ser perseguido, humilhado, injustiçado, odiado e caluniado, se legitima como o verdadeiro povo de Deus. Se os heróis da fé, profetas, apóstolos, a Igreja Primitiva e até Jesus foram perseguidos e passaram pelo processo de exclusão social, política e cultural, o povo peregrino – que se vê como continuação do verdadeiro povo de Deus – assumiu a teodicéia do sofrimento como pedra de toque de sua fé escatológica.

Ainda fica mais explícita a espera do fiel por um Salvador que entenda os seus sofrimentos físicos, espirituais e emocionais. Visto que ninguém se propõe a resgatar ou salvar aquele (a) que passa por tribulação, a esperança é projetada para um Salvador que compreende os que pacientemente esperam por salvação. Esta perspectiva escatológica é muito importante, pois ela anima o fiel peregrino no meio de tantas desesperanças. A denúncia profética nitidamente expressa essa realidade na frase: *Quando aqui as flores já fenecem.* Flores associadas com a esperança e com a promessa. Mas imediatamente, o peregrino projeta para o céu o seu olhar, desejando que as flores (promessas) do céu comecem a brilhar. O refúgio (não fuga) do fiel aflito, quando aqui as esperanças desvanecem, é na presença de Deus. O aflito crente vai orar e tem certeza que irá ser respondido por Deus. A confiança plena na graça e no amor do Senhor legitima a vitória e o acesso ao seio do Senhor. O conforto e o consolo divino são dados para os que mais no coração foram feridos. O clamor do

afligido coloca-o numa posição de mártir e lhe garante repouso, ou seja, descanso de seus trabalhos aqui.

Paulo Leivas Macalão (P.L.M.) nos faz analisar o discurso teológico-escatológico dos pentecostais brasileiros. Em vários de seus hinos podemos associar temas escatológicos com outros temas da teologia sistemática de viés pentecostal como Cristologia, Angelologia e Soteriologia. Observamos que a primeira marca fundante da escatologia pentecostal é a não-certeza da data da Vinda de Cristo [HC 74 § 1º.], mas não se deixa de afirmar a Vinda de Cristo e que ela também não tardará. Os aspectos de manifestação angelical, a afirmação da ressurreição dos mortos e os elementos da natureza (dia, luz, noite etc) são reforçados no teor escatológico - apocalíptico da hinódia de Macalão. Com muita veemência se declara a *Vinda de Cristo* – ou a *Aparição de Jesus* – para buscar a sua Igreja que será "tirada" ou "sairá" deste mundo para "fruir" gozo no céu [HC 74 § 2º. e 3º.].

Outra questão analisada é a diferenciação entre a Aparição de Cristo e o Arrebatamento da Igreja. Macalão traz o discurso da simultaneidade dos eventos: a) Jesus do céu há de voltar em majestade e glória (Aparição - Parousia; b) Manifestação e adoração angelical confirmando a sua Volta e; c) Ele suplantará o Anticristo – que na escatologia pentecostal (pré-milenarista/ pré-tribulacionista/ dispensacionalista) só acontecerá no fim da Grande Tribulação.

Nos hinos de Macalão encontramos a mesma tônica sobre o tema da Peregrinação explorada por Frida. No Hino 204 encontramos a expressão "*Do mundo, então, nós por fim, sairemos. Assim, grande gozo, no céu fruiremos*". As expressões opositivas Mundo-Céu e Tristeza-Alegria são nítidas. A denúncia é que aqui no mundo não há alegria que valha a pena. É necessária a saída deste mundo para que a alegria se manifeste em outro espaço - o céu, o lar longínquo. Do mesmo modo, o peregrino na terra tem a noção de que está longe do espaço reservado para ele por Deus. A alma anelante do peregrino espera que Cristo o venha buscar para levar para o seu lar. O peregrino não vê a possibilidade que a realidade deste mundo possa atender a sua ansiedade de ser satisfeito. "*No céu de luz vou descansar* [pois...] *aqui só há descrença e as lutas não têm fim* [e lá (no céu) o] *gozo será permanente*".

As expressões mais usuais entre os pentecostais clássicos remetem a esta construção escatológica de descanso. "*O nosso descanso não é aqui*", "*as alegrias deste mundo são passageiras*", "*aqui só tem tribulação, mas no céu nós vamos cantar num coral*" e outras expressões que desqualifica esta forma de ser mundo como um lugar bom para se viver.

As palavras-chaves para a Peregrinação Escatológica de Macalão (cf. hinos 204 e 215) são: a) Saudade do lar; b) esperança que Cristo venha buscar o fiel para que este descanse na presença d'Ele; c) o mundo aqui não presta e sua alegria é sazonal e; d) a adoração celestial dada a Cristo – *coroado e entronizado* – pelos anjos.

A morte não é negada como possibilidade que possa afligir o peregrino, mas a esperança escatológica na ressurreição o conforta. O Hino 215 revela o anseio do reencontro do fiel no pós-morte com os entes queridos. Argumenta também a transitoriedade da vida aqui em confronto com o *eterno lar*.

Outros hinos (p. ex. HC 142) descrevem a Cidade Celeste – *Sião de Deus*. As características paradisíacas montam um cenário escatológico de grandeza, realeza e excelente glória. Os elementos constitutivos da Cidade representam dois desejos do fiel. O primeiro desejo reflete os aspectos físicos e o segundo desejo reflete os aspectos psíquico-emocionais. É o próprio Deus quem arquiteta a Cidade Celeste e estabelece os seus aspectos físicos. É uma cidade situada numa "bela planície", adornada de "pedras preciosas", com "belos caminhos tratados com zelo", com torres, palácios, portas formosas, praça ladeada com ouro e bem iluminada por Cristo – pois isso engrandece a Cristo.

De acordo com o contexto em que o discurso é construído quem canta *toda esta glória que haverá no porvir* representa uma classe social que é privada de belas mansões ou palácios e de ruas bem cuidadas, morando geralmente em morros desnivelados com difíceis acessos e baixa ou nenhuma iluminação. Os que aqui foram privados de reinarem ou de terem posses reinarão com Cristo no paraíso. Seria o desejo de morar em um lugar mais digno uma alienação ou um protesto radical contra a situação vivida aqui pelo excluído?

Já o espaço espiritual é medido pelo bem-estar que o fiel desfrutará em Sião Celestial tendo o próprio Cristo como aquele que consola. Ali é o lugar do "repouso dos santos" os quais ali entrarão "com gozo e canto" juntamente "com os que adoram" (com os anjos, inclusive). Ali, os fiéis serão consolados e sentirão a paz. Os arquétipos que provocam medo e temor – como, por exemplo, a "noite", a "morte", a "fome", o "mal" – serão banidos. Uma festa e o cortejo (proporcionando visibilidade aos que foram privados aqui na terra de festejar) completam o cenário do lúdico e o espaço de acolhimento aos fiéis.

O fiel também é convidado a não perder a calma e é motivado a esperar a Vinda de Cristo (HC 193). Tudo que foi negado aqui ao fiel pentecostal está reservado a ele na Cidade Celestial (por exemplo, o cortejo e a festa). Por isso, o fiel pentecostal procura exclusividade na ressurreição e prioridade de entrada na Cidade (HC 183, Coro e § 4º.). Poderia ser esta reação exclusivista pentecostal uma resistência a anomia social que o excluiu de possuir bens terrestres e momentos de paz e alegria na terra? Compreendemos que sim.

Em muitos hinos também encontramos conexão da escatologia com a evangelização, batismo e ceia (a tríade mais fundamental da missiologia pentecostal). Todo o fiel (inclusive a juventude) é conclamado a realizar a missão para receber a coroa, o galardão ou premiação. Todo o trabalho feito para o Senhor resultará na premiação e galardão do servo.

O trabalho dado para o Senhor é valorizado e os resultados são compartilhados tanto por Deus como pelo servo fiel e esforçado. Isto faz parte da Aliança, pois o Senhor é premiador e galardoador. No sistema de trabalho do mundo, o que trabalha é explorado não recebe pelo trabalho que faz. Não é tratado com dignidade e somente o empregador leva vantagem. Vale a pena trabalhar para Deus porque existe uma relação justa entre as duas partes. Entretanto, trabalhar nos campos dos poderosos deste mundo é entrar numa relação trabalhista desigual.

Percebe-se que o fiel procura não descansar em relação à obra de Deus, mas não vê o momento de descansar de suas lutas, fadigas e opressões, procurando alívio do julgo diário imposto pelas relações

desiguais e injustas na família, no trabalho, na igreja (em especial no ministério), na comunidade e na sociedade.

A dignidade não encontrada nessas relações é, segundo a percepção pentecostal, somente encontrada nas relações com Deus. Por isso, mais de uma dezena de expressões procuram alentar o coração do fiel e garantir a ele a esperança de receber de Deus o que não foi concedido ou negado nas relações desiguais com os homens. Muitos hinos trazem em seu conteúdo expressões escatológicas como "repouso", "paz", "coroa", "galardão", "vitória", "glória" e "gozo" associadas a outras expressões como "mansão", "reinado", "reinar", "encontro", "desfrutar", "entronizar" e "contemplar".

O fiel, na sua esperança escatológica, se vê agora no papel da Noiva que espera (HC 237). Assim como na Parábola das Dez Virgens, o fiel se posiciona com as luzes (*nossas luzes*) esperando o Noivo vim buscar a Noiva.

Essa forma narrativa de compreender teologia é imprescindível. O encontro da Noiva ansiosa em busca de refúgio e alegria dos braços do Noivo retrata de forma hermenêutica a esperança do fiel em confiar no seu Senhor, "*mais que todos, amoroso*".

O batismo nas águas (HC 447) também faz parte da *Caminhada Escatológica* e é complementado à *Ceia Escatológica* (Bodas do Cordeiro - HC 206). Percebe-se que Macalão, na 3ª. estrofe do Hino 447, expressa a possibilidade de uma antecipação escatológica do que seria uma vida plena. A pergunta, *O poder vindouro recebeste já?* é retórica e é feita para aqueles que reconhecem o novo nascimento e que iniciam uma caminhada com Deus (cf. 1ª. Estrofe). "*O poder vindouro recebes já"* pode ser experimentado aqui (antecipação) juntamente com uma "*Vida de vitória vivenciada já com Deus"*. Quanto à recompensa Macalão complementa "*Tens o teu tesouro escondido lá?*".

No coro do Hino 206 encontramos fortes ênfases acerca da libertação (*liberto*), proteção (*pelo sangue estás coberto*), certeza de aliança (*tens o perdão*), segurança de redenção (*salvo estás*) e, por fim, de um povo que se propõe a cantar e jubilar pela libertação proporcionada. Estas cinco ênfases têm forte ligação hermenêutica com o Êxodo.

O conceito de libertação é escatológico, mas nada impede concebê-lo como uma denúncia presente contra toda forma de escravidão, de opressão, ódio, insegurança e de exploração. Como não há um lugar onde ter acesso à libertação plena aqui, o fiel transfere esta expectativa para as Bodas do Cordeiro. Lá há um lugar reservado à mesa para os servos, os quais, com dignidade, se assentarão *prazenteiros* e *quão felizes serão ao lado de Jesus*, conclui.

Ao lado de Jesus não haverá mais pranto e o gozo será verdadeiro e permanente (cf. 2ª. e 3ª. estrofes). Não será como é aqui: os empregados e as empregadas (servos/ as?) não comem na mesa com os seus patrões (senhores), ou seja, não têm a mesma dignidade e direito que os que moram na casa. A mesa, aqui neste mundo, não é lugar de partilha, mas de manutenção do *status quo*.

Só os convidados e amigos têm acesso à mesa dos grandes. Mas, com Cristo, os servos e servas sentem prazer, riem juntos (*prazenteiros*) e não são alvo dos risos alheios, das humilhações e da piedade comiserante de seus patrões e patroas. Os servos e as servas têm o direito de reinar com Cristo, enquanto que aqui, os servos não têm direito nem a uma existência digna.

Nessa mesa escatológica encontramos elementos que fazem parte da busca esperançosa e cotidiana do fiel. Prazer, alegria, júbilo, gozo, cânticos e comida somando ao desejo de descanso (implícito na expressão *sentaremos,* repetida duas vezes no hino). Não seria um desejo do fiel em descansar de sua lida diária, jornada dupla de trabalho (em especial, no caso das mulheres), do fardo pesado, do ficar em pé ou numa mesma posição desconfortável o dia inteiro numa linha de produção. Nada melhor, pensa o fiel, do que sentar depois de longas jornadas de trabalho e descansar os "pés" peregrinos em busca de um repouso.

Macalão chega a vislumbrar *cear* com os patriarcas e que Jesus servirá a mesa (na ceia das *Bodas do Cordeiro*). Esta construção escatológica é o êxtase do cumprimento da promessa. Comer com os patriarcas – que também peregrinaram sobre a terra e foram ícones do sofrimento e da esperança na promessa – compartilhando suas experiências com Deus e tendo o Senhor a serviço daqueles que o serviram com toda a

sua vida (HC 272 § 3º.´; HC 310 § 4º.). Por isso, o encontro com Jesus e os patriarcas se torna uma das mais importantes expectativas pentecostal.

A escatologia de Jürgen Moltmann é referência para nos aproximar de uma possível definição desta ceia (do prisma da hinologia pentecostal).

A glória de Deus é a festa da alegria eterna e, por esta razão, é comparada, no evangelho, constantemente com uma festa de casamento [...] Os amigos e as amigas de Jesus são pessoas nupciais [...] por serem pessoas do reino de Deus. A sua plenitude é apresentada em Ap 19,7 como "bodas do cordeiro. [27]

Macalão também classifica aqueles que "vão herdar a glória" ou "receber a coroa" como "vanguarda dos remidos". Para fazer parte desse grupo seleto, "os fiéis soldados" têm que avançar, serem fortes e lutarem para libertar "povos escravizados" (missão?). Somente assim "os destemidos" (HC 471), num processo de luta constante e incansável, alcançarão o galardão que Cristo trará no arrebatamento (HC 483).

Na narração da 2ª. estrofe do Hino 483, vemos como o fiel compreende a promessa de Jesus. A promessa está associada à uma troca muito significativa para o fiel, ou seja, Jesus se propõe a trocar opróbrio do lenho (vergonha, humilhação, sofrimento, abnegação etc.) por uma coroa. Coroa representa para o fiel a dignidade real.

A "Canaã Celestial" é descrita por Macalão como a habitação (local da reunião dos justos) dos santos remidos que desfrutarão paz, gozo e repouso (HC 276 § 1º.).

Na Mansão do Salvador não há tribulação, pesar, dor, tristeza, aflição e "quebrante de coração" (HC 271§ 1º.) e os que ressurgirão em Cristo – com vestidos brancos – com Ele reinarão (HC 470 § 4º.). Nesta habitação de delícias, prazer e festa, o fiel pentecostal crê que, além de desfrutar de alegria sem par, ele é convidado a se assentar no trono com Cristo que também o coroará (HC 272 § 1º.).

Macalão conseguiu transmitir o universo teológico do fiel pentecostal. Captou em seus hinos a fé do fiel pentecostal, sua reação frente às tribulações e constituiu as bases teológicas acerca da perseverança dos

santos (resquício calvinista: Dupla Bênção?), da experiência adquirida na *Caminhada Escatológica* e da esperança do fiel pela Aparição do Cristo, doador do Espírito. Para o fiel pentecostal essa esperança não traz confusão, mas é luz no meio da "confusão" deste mundo (Rm 5:1-5).

O hino 94, de Otto Nelson, transmite as principais características do discurso pentecostal. Os principais elementos escato-teológicos encontrados no hino são: a) o fim das lutas; b) encontro com Jesus nos céus; c) o gozo e alegria celestial; d) protesto contra o mundo; e) mansão e; f) pátria. Podemos analisar neste hino alguns sinais de protesto ou denúncia. A primeira denúncia é contra o sistema opressor do trabalho. A luta desta vida está ligada ao trabalho que explora e exauri toda a força e energia do trabalhador. É o desejo de qualquer pessoa explorada se libertar do espaço que a oprime (*O adeus a este mundo vamos dar* - § 1º.). O abandono/saída deste mundo (do trabalho?) é uma expectativa escatológica. Na mansão celestial não existe mais um sistema opressor de trabalho. A alegria se manifestará na *perfeita salvação* e *onde o perfeito amor* é compartilhado com o Senhor da Casa (Jerusalém, pátria e mansão) que estende sua mão que recepciona o peregrino. É definitivamente um protesto contra a imperfeita salvação e contra o falso amor. Todo o protesto ou denuncia profética é, sem dúvida, uma forma última de nutrir a fé.

3. O modo de fazer e viver a teologia na comunidade pentecostal

No Pentecostalismo encontramos a dinâmica da espiritualidade popular, a expansão territorial e circunstancial dos efeitos desencadeados a partir do ímpeto pragmático conversionista e missionário pentecostal, além da segurança existencial (fenomenológica) que os fiéis pentecostais encontram na anomia social que lhe é ofertada. A anomia social não é problema, mas é, para os grupos pentecostais, a afirmação do diferente e confirmação da escolha destes grupos por Deus.

O *Modus operandi* e o *Modus vivendi* a fé pentecostal é de súbito um desafio para historiadores, sociólogos, pesquisadores e teólogos. O modo de trabalhar a fé no Movimento Pentecostal e o modo de viver a fé pentecostal são duas incógnitas a serem trabalhadas não a partir de conceitos denominacionais monolíticos (*modus operandi*) ou de *corpus* teológicos fechados (*modus vivendi*). Se fecharmos a questão à sombra do

denominacionalismo não explicaríamos as bases em flutuação e o trânsito religioso dentro do movimento. Se considerarmos o movimento a partir da complexidade do raciocínio teológico escolástico-dogmático, isso não atenderá o construto social que legitima a construção teológica do pentecostalismo.[28]

O fiel pentecostal é o *sujeito* que faz sua teologia vivendo, cantando, pregando e testemunhando a fé. É um *sujeito teológico* que fala sobre Deus e "anda" conforme o "logos" de "Theós" (Teologia) revelado pela ação do Espírito Santo. Pontuamos algo mais importante ainda. O fiel não somente anda com Deus, mas fala diretamente – sem intermediários e sem intercessores – com Deus e, dentro de sua construção teológica, compreende que Deus o responde. O fiel fala com Deus nas línguas dos anjos e Deus fala com o fiel pela profecia e/ ou pela revelação. O fiel tem autonomia na forma de fazer, construir e viver a sua fé, pois tem uma chave hermenêutica diferente. Não é uma teologia pela letra, mas pelo Espírito, argumenta qualquer leigo pentecostal (2 Co. 3.6). A teologia pentecostal é Teologia Narrativa, que surge da experiência do fiel com Deus e de Deus com o fiel. Os fiéis pentecostais são responsáveis pela sua própria reflexão da fé e pela construção de sua própria identidade teológica. Esta prática concede dignidade, pois

> ... o fato do povo dizer a própria palavra teológica e ser ouvido significa um passo para o reconhecimento de sua dignidade. Quando os pobres pedem pão e o recebem, sua dignidade não está necessariamente levada em consideração. Mas quando o povo pensa e entra no diálogo teológico, o povo recupera a dignidade. Na verdade, quando se permite que o povo pense, entre no diálogo teológico (à sua própria maneira) e faça a própria contribuição, reconhece-se implicitamente a sua dignidade humana[30].

É fato que as Igrejas Católica e Protestante têm formas diferentes de fazer e compreender a teologia. Contudo, não podemos relativizar e nem reduzir o valor narrativo da Teologia Pentecostal. Ainda que a Teologia Pentecostal não seja sistemática, escolástica ou dogmática, seu valor narrativo é muito próximo ao modelo das narrativas históricas que registraram as experiências do povo de Israel com Deus.

A construção teológica pentecostal não é melhor e nem pior que as demais formas – fórmulas; é simplesmente diferente. Magalhães reforça esta idéia quando diz que qualquer um que argumente "que o pentecostalismo não tem teologia, significa supor que só há uma forma de fomento do pensamento teológico, baseado numa compreensão de teologia"[31] hierarquizada e institucionalizada.

A comunidade dos leigos pentecostais desconfia da métrica e da racionalização da fé através da teologia sistemática, escolástica ou dogmática. O eixo *pneumatológico* da teologia pentecostal (com outra chave hermenêutica diferente dos dogmáticos), a experiência com Deus e a afirmação do testemunho da fé formam o tripé da constituição teológica laica no pentecostalismo. Dignidade de fato, constituída no seio da religiosidade e da espiritualidade pentecostal.

4. A comunidade pentecostal como comunidade escatológica

O Movimento Pentecostal se ver herdeiro direto da Igreja Primitiva e assume o Novo Testamento como chave hermenêutica para entender sua escatologia:

> No Novo Testamento, sempre se acentua que a vinda de Jesus, a efusão do Espírito Santo, a proclamação do evangelho que salva o ímpio, a reunião da comunidade de Cristo dentre os povos, etc., estariam ocorrendo "nos últimos dias". A interpretação apocalíptica do tempo, sem dúvida, é o contexto da consciência protocristã.[32]

Moltmann compreende que o "cristianismo" tem objetivos e metas que não se justificam em si mesmos, mas argumenta que sua existência no mundo e a sua essência devem revelar, a partir da leitura do Novo Testamento, uma "comunidade-de-salvação-escatológica" que se alimenta de algo e existe a esperar por alguma coisa[33].

O "Cristianismo" tem a sua essência e o seu fim não em si mesmo e na própria existência, mas vive de alguma coisa, e existe para alguma coisa, que alcança muito além dele. Se se quer compreender o mistério de sua existência e de suas formas de comportamento, necessário se faz interrogar sobre a sua *missão*. Se se quer descobrir sua essência, é preciso interrogar

sobre o *futuro* em que ele coloca suas *esperanças* e expectativas. E se o Cristianismo se tornou inseguro e sem orientação em meio às novas relações sociais, é preciso perguntar, mais uma vez, sobre a razão por que existe e o fim para onde caminha.[34]

A *Igreja de Cristo* é convidada a ter aspirações escatológicas. O quadro ou a moldura onde a escatologia está inserida denomina-se esperança. Moltmann chama essa construção da fé cristã de "horizonte escatológico de esperança".[35] Uma *Igreja* que tem o *Cristo Ressurreto* como Senhor, vive a buscar este horizonte. A Igreja de Cristo já nasce no fogo da esperança escatológica. É esta esperança que mantém a Igreja, como organismo, viva. A Igreja de Cristo projeta-se no Reino de Deus e projeta-se para a consumação do Reino de Deus na manifestação plena de Cristo. Se a história da Igreja Cristã revela que a mesma ao se institucionalizar tornou-se muito resistente à implantação do Reino de Deus (como de fato Jesus pretendia), como organismo vivo a Igreja Cristã através de seus movimentos de reforma marginal (de Montano ao Pentecostalismo) procurou manter suas raízes e esperanças escatológicas.

O milenarismo surge como uma das características essencial desses movimentos de protesto[36]. Por isso, encontramos em Moltmann uma ressalva quando ele diz que "o pensamento escatológico do presente é determinado, consciente ou inconscientemente, pelas visões messiânicas do Século XIX e pelos horrores apocalípticos do Século XX"[37]. O *milenarismo* pode ser uma reação alternativa aos horrores provocados pela forma da humanidade construir seus reinos. Esses resquícios pré-milenaristas chegaram à modernidade e os *movimentos messiânicos – apocalípticos* decorrentes deste pessimismo pré-milenarista desencadearam uma nova interpretação escatológica da doutrina da instauração do Reino de Deus. São esses movimentos os que mais cultivam essa perspectiva escatológica da fé cristã – revalorização e resignificação da escatologia cristã.

A escatologia faz parte da pregação, da evangelização, da missão, da oração, dos sacramentos, do testemunho e da hinologia dos vários movimentos do Espírito. O discurso escatológico-apocalíptico tornou-se uma marca distintiva desses movimentos. No Pentecostalismo isso não é diferente. A dimensão escatológica é ao mesmo tempo proclamadora das

bem-aventuranças do Reino de Deus e denunciadora dos delitos dos reinos humanos. A escatologia cristã (de recorte pentecostal) fervilha na esperança utópica da irrupção-insurreição do Reino de Deus e do Ressurreto. Há uma veemente negação da possibilidade de restauração deste mundo – e seu sistema – como alternativa para a manifestação plena do Reino de Deus. Os valores do "mundo" não podem ser sementes para um novo reino onde reina a justiça, a paz e alegria no Espírito Santo.

Os valores (econômicos, políticos, culturais e sociais) mundanos são negados. Segundo a ótica pentecostal, somente a irrupção apocalíptica definitiva do Cristo poderá mudar a realidade existente por uma realidade de justiça e paz para todos os que são fieis a Deus. É fato que esta concepção é estruturada sobre uma escatologia exclusivista, onde só entram no Reino de Deus os justos, os santos e os fieis.

Os fieis pentecostais já vivem intensamente a dimensão escatológica do *Evangelho Pleno* – ainda que exclusivista – na história (Jesus *salva*, *cura* e *batiza com Espírito Santo*) e esperam ansiosamente a irrupção-insurreição (contra os atuais governos humanos) do Cristo que *virá para reinar*. A esperança na escatologia da irrupção-insurreição é vista como parte da construção terapêutica dos que crêem na justiça de Deus, a mesma justiça que levou Deus a ressuscitar o insurreto (político, religioso e social) de Nazaré, Jesus. Se aparentemente todo o sistema corrupto e maquiavélico que matou Jesus obteve "temporariamente" sucesso, os fiéis oprimidos relêem e se associam a este fato hermeneuticamente. O mesmo espírito de opressão que tirou a vida do Escolhido de Deus age contra os demais servos de Deus, mas o mesmo Espírito que restabelece – pela ressurreição do corpo – a vida ao Escolhido de Deus, e assim estabelecendo seu Reino "espiritual", também ressuscitará e fará justiça aos oprimidos que depositarem sua esperança na manifestação na ressurreição dos mortos em Cristo (salvação definitiva), na instauração plena do Reino Milenar de Cristo e dos Novos Céus e Nova Terra. Moltmann reconhece esta perspectiva, ainda que interpretada pela hermenêutica pentecostal, como legitima escatologia cristã.

> [...] Por isso, faz sentido iniciar a escatologia com a esperança pessoal, passar em seguida para a histórica e por fim para a esperança cósmica, concluindo com a glorificação de Deus por causa de Deus

> mesmo. O primeiro efeito da escatologia é a fé pessoal. Segue, então, a nova vida neste mundo. Dela nasce a esperança da redenção do corpo e da expectativa da transformação de todo este mundo em reino de Deus.[38]

Como já vimos, essas construções hermenêuticas proporcionam uma terapia comunitária e uma segurança existencial (ou pós-morte) às comunidades pentecostais. É uma aposta na fidelidade no Deus da promessa frente a tantas inseguranças:

> A razão da esperança apocalíptica do fim do mundo é puramente a fé na fidelidade de Deus e não o otimismo: Deus ficará fiel à sua decisão criadora, mesmo que o mundo por ele criado pereça por causa de sua própria maldade. A vontade de Deus para a vida é maior que sua vontade para o juízo, o sim de Deus pesa mais que o não de Deus. 'Deus não pode negar a si mesmo' (2 Tm 2,13). Por esta razão, os crentes percebem no não um sim oculto de Deus e sentem no juízo a sua graça vindoura e vêem no ocaso deste mundo o início de um novo mundo de Deus.[39]

É nesta promessa que se espera com afinco a revelação daquilo que ainda não é, mas que se aguarda. A insegurança e os perigos de viver neste mundo proporcionam temor, medo, mas não pavor. A promessa de Deus não os deixa confundidos, mas apreensivos quanto ao cumprimento da promessa. A Comunidade Pentecostal, se projeta escatologicamente na história com desconfiança e de forma previdente. Moltmann nos fornece uma chave de compreensão em sua Escatologia quando diz

> As imagens do fim apocalíptico do mundo necessariamente fazem parte das visões da esperança do reino vindouro de Deus e da nova criação de todas as coisas? Elas ncessariamente fazem parte, na medida em que descrevem a situação de necessidade, cuja mudança se aguarda. As visões da esperança do futuro de Deus são visões da salvação dos perigos experimentados e temidos neste mundo. Não existe esperança sem medo. O medo é o senso para os perigos que ameaçam. Nas imagens apocalípticas, o medo se conscientiza desses perigos, tentando nominá-los e defini-los para tirar-lhes a incompreensibilidade paralisante. [...] sem a sensibilização pelo

> medo, não notaríamos os perigos e seríamos assaltados pelas catástrofes. O medo desperta e mantém acordado. O medo é o reverso da esperança, e não o contrário. A partir da esperança que se tem por alguém, pode-se temer por ele, mas não se obtém esperança a partir do puro medo. O medo torna a esperança literalmente "pre-vidente".[40]

Moltmann nos adverte que tenhamos certeza do que desejamos para o futuro.

> Se "éschaton" não se refere ao tempo final, mas à eternidade, então a escatologia nada mais tem a ver com o futuro. Sua tensão não está entre presente e futuro, 'já agora' e 'ainda não', mas entre eternidade e tempo como passado, presente e futuro. Então ao proclamar a "proximidade" do reino de Deus, Jesus não olha para o futuro temporal, mas para o céu presente. O reino não "vem" do futuro para o presente, mas do céu para a terra, como diz o Pai-nosso.[41]

Conclusão

Qual é realmente o foco do pentecostalismo? Será que a necessidade soteriológica no pentecostalismo é realmente a antecipação ou a consumação da história replicadora da opressão? Ou é um anseio para que a sua realidade social (ou seja, das pessoas que vivem dentro desta realidade) possa experimentar uma nova criação a partir da cosmogonia do reino de Deus e do "céu presente" manifestado?

Será melhor para o pentecostalismo continuar buscando um *éschaton* (uma busca pelo tempo futuro – um quando?) ou mudar o seu *éschaton* (um onde?) para que se restabeleça a dignidade na manifestação do reino de Deus e sua vontade na terra? Talvez a ansiedade de estar nas moradas eternas com ruas de ouro, muros de jaspe e puro cristal, com uma iluminação mais do que adequada, cidade segura sem medo, violência e discriminação poderia revelar a ansiedade não só por um tempo diferente (quando), mas a busca por um espaço diferente (um onde diferente). Será mesmo que aquilo que o pentecostalismo deseja é o "céu" ou a manifestação do "céu" na "terra" seria mais adequada ao anseio dos peregrinos escatológicos?

Poderíamos compreender que Moltmann expressa a necessidade do "céu" tocar a terra, para que assim possamos compreender na fala de Jesus, na oração do Pai-Nosso, que a vontade de Deus seja realizada na terra como ela já é realizada no céu. Então o problema não é somente o tempo (quando) e sim o espaço (onde) para se viver a promessa de redenção deste povo *exodal* e peregrino. A Nova Jerusalém deveria ser (na terra) a manifestação da justiça de Deus, mas como o tempo nunca corre a favor dos peregrinos e não se tem uma terra para assentá-los, a Nova Sião se torna o arquétipo do futuro almejado e desejado.

Por enquanto, o pentecostalismo fica ainda com a segunda opção, a utópica. Esta opção sempre foi recorrente às necessidades da humanidade. Se aqui os peregrinos não podem ou são impedidos de encontrarem o *Paraíso Terrestre*, ou seja, aqui eles e elas não têm um lugar para o corpo e para os "pés" cansados, o espaço físico é substituído pelo tempo metafísico. Assim a teologia pentecostal procura responder terapeuticamente os anseios dos peregrinos na terra.

A dramatização é aí concebida de imediato na relação diária com o mundo-teatro. Tudo está determinado na construção da escatologia, ainda que não entraram em cena os principais protagonistas que levarão a cabo o desígnio da história humana (personagens arquétipos dos apocalipses bíblicos).

É fato contundente que esta *historização da teologia* e, ao mesmo tempo, *teologização da história*, corresponde a necessidade do pentecostalismo compreender-se na história não como mais um povo histórico, mas o povo de Deus na história. Moltmann também nos fornece uma argumentação magistral para entendermos este processo de *historização da teologia - teologização da história*

Esta historização do mundo pela categoria do futuro escatológico universal é de imensa importância do ponto de vista teológico, pois através dela a escatologia se torna o horizonte universal de toda a teologia. Sem a apocalítica a escatologia teológica fica reduzida à história dos povos ou à história existencial do indíviduo.[42]

Estabelecida a análise do discurso escatológico na hinologia clássica pentecostal, chegamos a algumas conclusões que nos ajudaram a compreender o que chamamos de discurso "escato-teológico". Escato-teológico porque toda a teologia pentecostal clássica é mergulhada no discurso escatológico. E é esta escatologia que define todas as chaves hermenêuticas que, por sua vez, possibilitam a construção de mundo das comunidades pentecostais.

Uma das observações que caracteriza a assimilação desta escatologia pelos Movimentos do Espírito – no nosso caso, o Pentecostalismo – é a compreensão/ percepção de que os que ouvem e/ ou cantam esta hinologia se identificam, incorporaram e se associam a este "ser" ou "estar" numa posição de peregrinação nesta terra. Ainda que os fiéis pentecostais se considerem deserdados sociais – ou anônimos, eles crêem que este estado de anomia é transitório e temporário. Contudo, percebemos que o *saber teológico* pentecostal está estruturado sobre uma Teologia Narrativa. O *fazer teológico*, o *andar teológico* e – principalmente, o *viver teológico* pentecostal está associado à experiência do fiel com Deus. O *Saber – Fazer – Andar – Viver Teológico* perpassa pela experiência de vida e pelo testemunho de sua salvação. Ao mesmo tempo em que se vive o cotidiano, os pentecostais tiram suas conclusões teológicas, hermenêuticas e pastorais.

Referencias bibliográficas:

[1] CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel*: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: Mysterium, 2007. 231 p. (p. 88).

[2] Id., ibid., p. 89.

[3] Id., ibid., p. 87. Cunha define o cântico litúrgico como parte do louvor a Deus.

[4] ANDRADE, Claudionor de. *Manual da Harpa Cristã*. São Paulo, CPAD, 1ª ed. 1999. 240 p. (p. 13).

[5] VINGREN, Ivar. Gunnar Vingren, o diário do pioneiro. Rio de Janeiro: CPAD, 1973. 222 p. (p. 12).

[6] Id., ibid., p. 12.

[7] Muitas Bíblias temáticas produzidas no Brasil pela Sociedade Bíblica do Brasil, CPAD, entre outras, são conhecidas também como Bíblias de Estudo (*Pentecostal, Shedd, Plenitude, Aplicação Pessoal* etc), trazem esboços escatológicos sobre a Corrente Pré-tribulacionista/ Pré-milenarista – Dispensacionalista. Essa Corrente tem como principal expoente John Nelson Darby – o formulador e autor desta teoria (1830) – e os principais difusores foram D. L. Moody e C. I. Scofield no final do Século XIX e inicio do Século XX. Antes de esta corrente surgir o cristianismo dividia-se em escatologia pós-milenarista e escatologia amilenista.

[8] VINGREN, 1973. p. 11, 61 e 174.

[9] Id., ibid., p. 66, 71, 73-74, 102, 120, 137-138 e 189.

[10] Id., ibid., p. 12, 20, 22 e 58.

[11] Id., ibid., p. 39, 43, 77, 173, 177 e 219.

[12] Id., ibid., p. 12 e 139.

[13] Id., ibid., p. 132.

[14] Id., ibid., p. 58, 72, 74, 92, 118, 131, 134, 140, 201, 201, e 211.

[15] Id., ibid., p. 206.

[16] Id., ibid., p. 140, 183, 185 e 211.

[17] Id., ibid., p. 206. Por ser Dispensacionalista, o Movimento Pentecostal vê o Milênio como a 7ª. e última Dispensação. Por isso, os pentecostais afirmam que os mil anos serão literais.

[18] BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. 8ª. ed. 208 p.

[19] Id., ibid., p. 48 e 82.

[20] Id., ibid., 2000. p. 206.

[21] VINGREN, 1973. p. 218.

[22] BERG, 2000. p. 126.

[23] O Sebastianismo e outros movimentos messiânicos proporcionaram a construção do imaginário escatológico popular brasileiro, principalemente a escatologia nordestina.

[24] DESROCHE, Henri. *Dicionário de messianismos e milenarismos*. S. B. do Campo: UMESP, 2000. 504 p. (p. 176). John N. Darby foi o principal mentor da Corrente Pré-Milenarista Dispensacionalista.

[25] MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995. 271 p. (p. 222).

[26] ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, e todo louvor a Deus: Assembléia de Deus:* origem, implantação e militância 1911-1946. 2000. 161 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Curso de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo/SP, 2000. (p. 79).

[27] MOLTMANN, Jürgen. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. 374 p. (p. 358).

[28] MAGALHÃES, Antônio C. M. *Uma Igreja com teologia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. 127 p. (p. 58).

[29] GODOY, Daniel; NANJARÍ, Cecília Castillo. No pentecostalismo o Espírito Santo favorece os pobres. *Estudos da Religião*, S. B. Campo, nº 27, p. 50-72, dezembro/ 2004. (p. 66 e 68).

[30] TAMEZ, Elsa. Dizer a própria palavra teológica. *Estudos da Religião*, S. B. Campo, nº 3, p. 25-26, março/ 1986. (p. 26).

[31] MAGALHÃES. *Uma Igreja com teologia*. 2006. p. 58 - 59.

[32] MOLTMANN. *A vinda de Deus*, 2003. p. 251.

[33] Id., ibid.,. p. 383.

[34] Id., ibid., p. 383.

[35] Id., ibid., p. 383.

[36] CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo*: *o pentecostalismo no Brasil*. Tradução de Mariana N. Ribeiro Echalar. Petrópolis: Vozes, 1996. 285 p. (p. 190).

[37] MOLTMANN. *A vinda de Deus*, 2003. p. 21.

[38] Id., ibid., p. 16.

[39] Id., ibid., p. 250.

[40] Id., ibid., p. 254.

[41] Id., ibid., p. 31.

[42] MOLTMANN. *Teologia da esperança*, 2003. p. 165.